

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DIRK BOGARDE – ATOR DAS SOMBRAS
2 de outubro de 2021

THE BLUE LAMP / 1950
(A Lâmpada Azul)

Um filme de Basil Dearden

Realização: Basil Dearden / *Argumento:* T. E. B. Clarke, Alexander Mackendrick (diálogos/cenas adicionais), tratamento original por Jan Read e Ted Willis / *Direção de Fotografia:* Gordan Dines / *Montagem:* Peter Tanner / / *Música:* Ernest Irving / *Produção:* Michael Balcon / *Interpretações:* Jack Warner (PC George Dixon), Jimmy Hanley (PC Andy Mitchell), Dirk Bogarde (Tom Riley), Peggy Evans (Diana Lewis), Bernard Lee (Inspector Cherry), Gladys Henson (Senhora Dixon) / *Cópia:* 35 mm, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 84 minutos / *Estreia Mundial:* 19 de janeiro de 1950, Londres / *Estreia Nacional:* 15 de fevereiro de 1951, S. Jorge, Lisboa / *Primeira Apresentação na Cinemateca.*

Além de ser um objeto importante sobre um determinado período na história da sociedade britânica, a braços com níveis de criminalidade violenta que cresciam perante a impotência sentida pelas forças policiais, **The Blue Lamp** é um filme de ligação não só com uma certa tradição documental, de raízes firmemente plantadas na “escola” chefiada por John Grierson e esmerada por Humphrey Jennings, como também com o melhor cinema romântico, de ação, comédia e aventuras proveniente dos Ealing Studios. Em termos simbólicos, podemos dizer que, nos créditos, muito ricos, temos Basil Dearden e Alexander Mackendrick como dois representantes máximos dessa via romântica ou mais ornamental, no sentido hollywoodesco do termo, ao passo que, ao inspecionar a origem da história deste filme e a sua motivação social e política, descortinamos o tal ADN documental.

Como os filmes com a marca da famosa Empire Marketing Board de Grierson, **The Blue Lamp** teve na sua génese a preocupação de exaltar o sacrifício e competência da polícia britânica frente a um tipo de criminalidade particularmente violenta e imprevisível que grassava nas ruas de Londres, nos anos seguintes à Guerra. Jan Read, autor da história, conta, em extra do Blu-ray (edição Studio Canal, conversa áudio com Charles Barr), que procurou pôr em prática o que já vira, proveniente dos Estados Unidos, nomeadamente o que fizera Fritz Lang nos seus filmes policiais (uma inspiração, diz Read, quanto ao ritmo a imprimir no *storytelling*), nos *noirs* americanos e, mesmo antes, na sua obra-prima alemã **M** (1931), surpreendente pela maneira como retratava os diferentes lados de uma história de “caça ao homem”. Politicamente, Elia Kazan terá sido a referência principal, em particular o seu *docu-noir* **Boomerang** (1947). Todavia, é de crer que os envolvidos na produção de **The Blue Lamp** – talvez o mais bem sucedido filme policial produzido na Grã-Bretanha (esteve meses em cartaz e originou um seriado, recuperando “dos mortos” a personagem de Jack Warner) – não tivessem ficado indiferentes também ao que fez Jules Dassin, em cenários reais e baseado numa reconstituição rigorosa de procedimentos policiais, na obra **Naked City** (1948). Acrescenta ainda Read que, à época, a polícia necessitava de “boa publicidade”, pelo que não compartilhava de uma certa tendência, presente no argumento final, para “sentimentalizar” a narrativa, algo que não passou despercebido à crítica mais exigente, atacando **The Blue Lamp** por lhe faltar complexidade moral.

A história foi construída com base num acompanhamento experimentado *in loco* da rotina policial, procurando sempre transmitir uma atividade efervescente e “simultânea”. Dearden obtém este efeito de maneira muito conseguida, surgindo o assassinio, que é aqui o objeto central do drama, como um simples processo em curso, entre tantos outros, mais ou menos (ir)relevantes. A vida perpassa e irradia por toda a esquadra: o episódio mais trágico, como a morte de um polícia durante um assalto, é também ele parte desse dia-a-dia – parece ser isto que a realização fluida de Dearden quer transmitir, em linha com o propósito original do argumento. Atores profissionais, como Jack Warner no papel do veterano polícia cujo malfadado destino irá travar a reforma merecida, misturam-se com *cameos* de polícias de facto, da mesma maneira que a ação empolgante e vistosa que pontua o filme (a perseguição a abrir e a fechar e os dois assaltos) acontece em cenários reais, nos exteriores “nus” de Londres. Read alerta que este filme foi, nesse sentido, também feito dentro do espírito do cinema documental britânico, reconhecendo Paul Rotha, um dos discípulos de Grierson, como uma espécie de figura tutelar.

Dirk Bogarde interpreta o rebelde sem causa, que se deixa atirar para o olho do furacão de uma operação policial em grande escala. Nesta altura, nos anos de afirmação de Bogarde, o ator era associado a papéis ferinos, tirando partido da maneira como, desde cedo, se sentiu confortável na pele de personagens esquivas, algo sibilinas, caracterizadas, citando o seu primeiro filme feito em parceria com Joseph Losey, **Sleeping Tiger** (1954), por uma violência pronta a *despertar* a qualquer instante. O momento em que se dá o frente-a-frente entre Bogarde e Warner, à porta de um cinema, é exemplar da maneira – nada simplista – como este filme procura, apesar da evidente afeição pelo lado dos polícias, dar-nos acesso à interioridade da personagem de Bogarde. Nessa “troca de planos”, verdadeiro encurralamento de perspectivas, acedemos a uma certa “lógica”, associada ao alto clima de tensão, que faz com que o ladrão cometa um ato bárbaro e irreversível. Dearden atira-nos para um plano subjetivo, fazendo-nos sentir na pele o que é estar naquela situação e ao mesmo tempo, de maneira mais analítica, permite-nos entender a posição de vulnerabilidade que as forças de segurança ocupavam na selva urbana que parecia ser Londres, ou parte dela, naqueles anos.

Luís Mendonça